

Academia Brasileira de Ciências

É uma honra enorme honra ter sido escolhida para fazer essa breve saudação em nome dos novos acadêmicos. Não só porque sou Irlandesa, mas também porque amo muito esta pais onde meus filhos e marido nasceram e que me acolheu há quase 30 anos. Só para esclarecer - Na minha cabeça eu falo português sem sotaque e não erro concordância – qualquer coisa ao contrario é erro de compreensão. Tem uma expressão irlandesa que fala “Everyone is wise till he speaks”. Aqui vou enterrar a minha carreira então.

Porque sou estrangeira muitas pessoas falam para mim que não devo me opinar sobre o Brasil porque não entendo “o jeito brasileiro”, mas não conhecem o jeito irlandês. Até Sigmund Freud falou “The Irish is one race of people for whom psychoanalysis is of no use whatsoever” e portanto entendo muito bem e acho que tem muita coisa que o Brasil tem que nenhum outro país tem, mas tem também muitos aspectos que podem ser mudados.

O meu primeiro emprego na Irlanda foi como faxineira e babá – o que mostra que não é aonde você começa que é importante, mas isso também

ensina a todos nós muito da importância que cada um de nós temos para fazer que a máquina funcione.

Muitas pessoas têm me perguntado porque fico no Brasil e porque fazer pesquisa no Brasil? Argumentam que as nossas universidades públicas estão mergulhadas num excesso de burocracia e falta de autonomia. Atravessamos tempos difíceis na Ciência brasileira, mas eu, assim como todos que estão aqui, acabo-nos sentindo na obrigação de dar um pouco mais para superar esse momento. Com 70% dos professores fora da pós-graduação o compromisso com mérito e excelência está cada vez mais desprezado. Novos colegas docentes muitas vezes já iniciam suas carreiras sem a perspectiva de atender um nível mínimo de engajamento para o bem da universidade e da sociedade.

O impacto da ciência brasileira está em baixo da média mundial e estagnada desde 1980, de acordo com o levantamento estatístico que temos realizado na CAPES ao longo dos últimos meses. Fala-se muito em internacionalização, mas acabamos estabelecendo acordos com países que não exigem uma melhor reflexão sobre a qualidade e originalidade dos trabalhos que vêm sendo feitos no

Brasil. Acho que chegou o momento de focarmos na qualidade da ciência que produzimos. Creio que todos nós já sentimos as dificuldades de produzir ciência de qualidade, de formar recursos humanos qualificados e de sermos, de alguma forma, úteis à sociedade.

Para nós mulheres, muitas vezes, as dificuldades se somam. Eu por exemplo nunca tive licença maternidade e amamentava meus filhos nos intervalos de aulas. Mas felizmente, de acordo com Oliver St. John Gogarty - The Irish people do not gladly suffer common sense – e aqui estou hoje. Tenho muitas alunas que trabalham, tem filhos pequenos e terminam seus teses sem reclamar ou pedir prorrogação – temos que louvar estas mulheres batalhadoras pelas conquistas. Aqui gostaria reconhecer a minha mãe que eu admiro muito neste contexto.

Na ciência precisamos de um plano aonde o mérito e qualidade estejam sempre em primeiro. Temos que enfrentar de frente o clientelismo, o assédio, e garantir que dirigentes parem de “talk the talk” e comecem a “walk the walk”. Um dia logo o Brasil vai talvez começar a se perguntar porque temos

universidade pública – tem sido cara e ineficiente no meu ponto de vista. E ao contrario que falam ela não é gratuita – é paga com nossos impostos e muitas vezes com nosso dinheiro, saúde e sanidade. A LDB simplesmente exige 8 horas de aula por semana durante o semestre – nada além disso.

Precisamos lutar para descriminalizar a pesquisa no país – quando assinamos um projeto de pesquisa é nosso CPF que é responsabilizado, nosso patrimônio e as vezes o futuro de nossos filhos. Precisamos de financiamento de verdade, de longo prazo e com a flexibilidade que as atividades de pesquisa necessitam. Na Irlanda e alguns outros países houve o pacto da educação há 30 nos atrás – independente de governo a politica educacional não mudou – hoje, a Irlanda, embora tendo sofrido com a crise de 2008, está entre os países que mais crescem e mais emprega com milhares de empresas internacionais. Sei que a situação brasileira é muito diferente mas em 1970 Irlanda era um pais de 3º mundo. Não podemos ficar refém do medo de mudança ou de propor algo muito diferente do que temos hoje. Aqui tenho uma vantagem – como Brendan Behan falou - It's not that the Irish are cynical. It's rather

that they have a wonderful lack of respect for everything and everybody.

Assim, nós novos acadêmicos precisamos sempre agradecer quem nos ajudou a chegar onde estamos hoje.

Agradeço as nossas famílias, em nome de meu irmão Kieran aqui presente, pelo amor, apoio e para entender a importância da educação nas nossas vidas. Obrigada

Agradeço, em nome do Prof. Carlos Nobre aqui presente e Mercedes Bustamante, as pessoas que estão dispostas a tomar um risco conosco, dando chance para alguém mostrar do que é capaz. Obrigada

Agradeço aos nossos chefes, em nome do Prof. Abilio Baeta Neves, aqui presente. Já teve a chance de me exonerar, e sempre me ameaça assim, com muito bom humor. Ele não sabia que o meu conterrâneo Samuel Johnson falou “The Irish are not in a conspiracy to cheat the world by false representations of the merits of their countrymen. No, Sir; the Irish are FAIR PEOPLE; they never speak well of one another“. Mesmo assim é um honra

trabalhar com alguém que pensa fora da caixa e nos deixa desenvolver nossas ideias com tanta liberdade e apoio. Prof. Abílio nunca nos deixa esquecer que o importante é mérito e qualidade. Obrigada.

Em nome da Andrea, Ricardo, Carol, Clotilde, Tomaz, Ari, Sial, Val, Lia, Jivago, Sonia, Henrique e especialmente Helder agradeço os nossos amigos que aguentam as nossas loucuras, pelo apoio incondicional para as maluquices que aprontamos.

Também em nome do Carlos Lenuzza e Angela Santana, e todos os nossos alunos, colegas, e aos colaboradores da Capes agradeço a facilidade de trabalhar em equipe, pela dedicação e exemplo, e que sempre exigem que a gente melhore.

Gostaria de, nesse momento, portanto, parabenizar todos os novos acadêmicos que dedicam suas vidas à ciência e à educação. Agradecemos de coração a todos vocês.

Finalmente para meu marido Márcio Pimentel (também membro da ABC) e nossos filhos Daniel e Felipe aqui presentes. Venho pedir desculpas em público. Desculpa pelas noites e fins de semana de trabalho, de falar sozinha, das refeições feitas às

pressas, de andar rápido demais em museus e cidades no mundo lá fora. Amo vocês demais e sem a força de nós 4 não somos ninguém.

Para terminar uma benção irlandesa que dedico a todos os acadêmicos.

Go n-éirí an bóthar leat
Go raibh an ghaoth go brách ag do chúl
Go lonraí an ghrian go te ar d'aghaidh
Go dtite an bháisteach go mín ar do pháirceanna
Agus go mbuailimid le chéile arís,
Go gcoinní Dia i mbos A láimhe thú.

May the road rise to meet you.
May the wind be always at your back.
May the sun shine warm upon your face.
And rains fall soft upon your fields.
And until we meet again,
May God hold you in the palm of His hand.

Que a estrada se erga ao encontro do seu caminho
Que o vento esteja sempre às suas costas
Que o sol brilhe quente sobre a sua face
Que a chuva caia suave sobre seus campos
E até que nos encontremos de novo,
Que Deus te segura na palma da mão.”